

SÁ, Kleiane Bezerra; SANTOS, Sâmia Araújo; NASCIMENTO, Suelene Silva Oliveira. Resenha de *Referenciação: Teoria e Prática*, de Mônica Magalhães Cavalcante e Silvana Maria Calixto de Lima (Org.). *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

**RESENHA DE “REFERENCIAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA”, DE  
MÔNICA MAGALHÃES CAVALCANTE E SILVANA MARIA  
CALIXTO DE LIMA (ORG.)**

**Kleiane Bezerra de Sá<sup>1</sup>**

**Sâmia Araújo dos Santos<sup>2</sup>**

**Suelene Silva Oliveira Nascimento<sup>3</sup>**

kleianebezerra@hotmail.com

samiasemear@hotmail.com

sueleneoliveira@gmail.com

O termo *referenciação* emergiu a partir das reflexões de Mondada e Dubois. As autoras veem os referentes como um processo do ato de referir, passando a chamá-los de objetos do discurso, por ser uma abordagem que “implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito ‘encarnado’, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003 [1995], p. 20)<sup>4</sup>. Antes, a discussão versava em torno de *referentes*, definidos como “entidades da realidade externa do mundo” (CAVALCANTE, 2011, p. 9)<sup>5</sup>. O termo passou a não dar conta, pois as pesquisas constataram o extrapolar desses referentes no âmbito das categorias cognitivas e do

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará; bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e docente da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>4</sup> MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

<sup>5</sup> CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

modo de organização ancorados nas formas linguísticas cujo vínculo não é dissociado de sua ação social.

Uma década depois das reflexões de Mondada e Dubois sobre o sujeito sociocognitivo, os estudos linguísticos são contemplados com a publicação de *Referenciação: teoria e prática*, organizada pelas professoras Mônica Cavalcante e Silvana Calixto de Lima, composta por dez capítulos e cuja temática é o alvo desta resenha.

A obra se propõe a atualizar o leitor sobre pesquisas feitas por diversos docentes em várias partes do país sobre o fenômeno da referenciação, um dos temas em destaque dos estudos da Linguística Textual (LT). Além disso, a obra visa ressaltar novas interfaces, as quais são bastante caras para aprofundar a compreensão sobre esse fenômeno, tais como a Teoria dos Blocos Semânticos de Ducrot, a abordagem dos Modelos Cognitivos Idealizados da Linguística Cognitiva e a noção ideológica sobre ponto de vista.

A obra inicia com *A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais*, de Susana Leite Cortez e Ingedore G. Villaça Koch. Nele, as autoras analisam as formas referenciais numa dimensão dialógica do ponto de vista (PDV), partindo da concepção de que a referenciação contempla o trabalho sociocognitivo empreendido pelos sujeitos, para a construção dos objetos de discurso e de que estes são reveladores do diálogo interior que o locutor/enunciador (L1/E1) estabelece consigo mesmo e com os outros.

Susana Cortez e Ingedore Koch analisam expressões referenciais nominais presentes em uma crônica extraída de um *blog* intitulado *Ano do Rubito na França*, que reúne crônicas bem-humoradas a respeito do cotidiano de um aluno brasileiro que faz doutorado na França. Ao longo da análise, as autoras afirmam que a trama enunciativa do texto é construída por duas formas nominais: auto e heterodialogismo.

O autodialogismo, nas palavras de Cortez e Koch (2013), pode ser caracterizado por formas nominais que atuam na reformulação do PDV de L1/E1. Nesse processo, destacam-se as experiências pessoais do doutorando brasileiro, orientadas em direção à sua própria percepção do mundo, apresentando, em suas escolhas lexicais, pronomes pessoais, por exemplo, que revelam suas experiências.

O heterodialogismo, para as autoras, diz respeito à manifestação do PDV dos outros enunciadore e à influência deste PDV sobre o PDV do

interlocutor/enunciador. Essas duas formas centrais de referenciação criam determinados efeitos de sentido na crônica analisada e revelam que a construção do PDV está intrinsecamente ligada ao modo de apresentação e ao encadeamento das formas nominais, cujo arcabouço operacional pode ser resumido – a partir de Cortez e Koch da seguinte maneira: o modo de apresentação das formas nominais é necessariamente tributário de uma matriz enunciativa que engendra posicionamentos ora assumidos por L1/E1, ora imputados a outros enunciadores.

A análise é bastante ilustrativa e é retratada em dois episódios distintos da crônica, o que contribui para que o leitor perceba com clareza em quais contextos se dão os princípios de auto e heterodialogismo.

Em Cortez e Koch, vemos, portanto, que a orientação argumentativa dos referentes no discurso é marcada por um jogo enunciativo de afirmação de identidades e posições.

No Capítulo 2, *A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras*, Silvana Maria Calixto de Lima e Heloísa Pedroso de Moraes Feltes propõem uma interface da Linguística Textual com a Linguística Cognitiva e nos levam a perceber, aprofundando o postulado de que os referentes são entidades materializadas *no* e *pelo* discurso, que os referentes não homologados na superfície do texto têm sua (re)construção sujeita a mecanismos inferenciais mais complexos, ancorados no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, mas sempre guiados pelo sinal linguístico. As pesquisadoras entendem que os objetos de discurso não são o reflexo dos objetos do mundo, pois apenas na dinâmica do discurso são constituídos pelas formulações dos participantes.

Com base nesse posicionamento, as autoras elegem o campo fértil da recategorização para observar esse fenômeno. Elas partem da concepção prototípica de recategorização de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), a recategorização anafórica correferencial, a qual apresenta elementos concretos na superfície textual, para redimensioná-la em termos mais abrangentes, uma vez que, segundo Lima e Feltes (2013), a recategorização não se caracteriza por um grau de explicitude absoluto, se tratada de uma perspectiva cognitivo-discursiva e não apenas textual-discursiva.

Um dos exemplos abordados nesse capítulo trata de uma postagem do Twitter, de 25/02/2010, em que um comediante escreve “Vovó, porque você não se candidata à presidência? já [sic!] tem um vampiro, só está faltando a múmia!” De

acordo com as autoras, a primeira ocorrência de recategorização é a de “José Serra” como “vampiro” e a segunda, de “vovó” como “múmia”. Elas defendem que o referente não necessita estar explícito no texto para ser homologado pelos interlocutores, logo, seria possível descrever “vampiro” como uma expressão recategorizadora, com um grau menor de explicitude, em vez de simplesmente introdução referencial, quando não há uma relação de correferencialidade.

Para explicitarem esse ponto de vista, descrevem a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), modelo teórico que elegeram como base para as análises empreendidas. Tomam por base, então, os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) dos tipos metafórico, metonímico, *script* e *frame*, para demonstrar, no exemplo da postagem no Twitter, que é em toda a rede de MCIs que a (re)construção do referente “José Serra” está ancorada. Tal ancoragem é descrita a partir da recorrência ao nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, visto que, conforme as autoras, por esse caminho é possível explicar a motivação cognitiva para a homologação no discurso de referentes não materializados textualmente por meio de uma expressão referencial.

Em *O caráter não linear da recategorização referencial*, Valdinar Custódio Filho e Franklin Oliveira Silva promovem uma breve reflexão acerca do *status* da referência como objeto de pesquisa no campo da Linguística Textual (LT). O termo “referência” sofre transformações – inclusive de nomenclatura –, pois passa a se falar em *referenciação* a partir de Mondada e Dubois (2003[1995]), ao postularem que língua e realidade são instâncias essencialmente instáveis, sendo a situação de interação linguística o momento de construção de versões do real, muito mais que de representação objetiva de uma realidade estável.

A adoção do novo termo buscou denotar o caráter dinâmico embutido no processo de referir, fato que contribuiu de modo grandioso para a expansão dos estudos em LT, que buscam alargar ainda mais as perspectivas de análise da reelaboração de referentes. Nesse sentido, os autores discutem exemplos de recategorização que consideram o caráter não linear da referenciação, ou seja, que envolvem relações textual-discursivas para além de relações anafóricas estritas.

Expõem, inicialmente, características tradicionalmente atribuídas ao fenômeno da recategorização e citam Koch (2003)<sup>6</sup>, teórica que defende que, no processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente

---

<sup>6</sup> KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas informações e/ou avaliações acerca do referente. Em um segundo momento, focalizam os trabalhos de Leite (2007a; 2007b)<sup>7</sup>, que defendem a incorporação, na análise dos processos referenciais, de diversas partes do texto, e não apenas de materiais linguísticos relacionados à correferencialidade ou à manifestação cotextual da ligação anafórica. Segundo Leite, a relação entre várias porções textuais promove a análise integrada de elementos cotextuais e de elementos que estão para além da superfície e faz perceber que esse processo não é linear.

Em seguida, os autores destacam a importância da não linearidade, pois, ao passo que mostra a real complexidade de construir referentes, chama a atenção para a desestabilização de propostas de tratamento dos processos referenciais que se estabelecem a partir da distinção entre introdução e referencial e anáfora. Considerando que a não linearidade é constitutiva do processo de referenciação, os autores analisam, por meio de diversos exemplos, o redimensionamento de questões entre o dado e o novo. Assinalam casos que comprovam a recategorização referencial em uma expressão introdutória, em razão disso, advogam em favor da reformulação do estatuto da introdução referencial.

*Referenciação e orientação argumentativa na retórica neopentecostal: o percurso sociocognitivo das recategorizações metafóricas*, de Erik Fernando Miletta Martins e Edwiges Maria Morato, traz à tona a discussão acerca da eficiência retórico-argumentativa dos mecanismos de recategorização metafórica no discurso religioso, ou seja, mostra que as recategorizações metafóricas são recorrentes na estrutura argumentativa do discurso analisado, além da reinterpretação do referente textual.

Os autores iniciam o capítulo contextualizando os aspectos gerais da retórica neopentecostal. Essa é uma parte integrante do uso da linguagem utilizada pelos pastores que têm por objetivo a reflexão sobre o que está sendo dito, como também sobre o sentimento e a ação. O universo neopentecostal se pauta na visão de o empreendedorismo ser ressaltado e estimulado para seus fiéis serem pessoas prósperas no tocante aos bens materiais terrenos.

---

<sup>7</sup> LEITE, Ricardo L. Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007a, 212 p.; LEITE, Ricardo L. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* (Orgs.). *Texto e Discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b. v. 2, p. 104-122.

A posição assumida pelos autores em relação ao referente é interacionista, pois seguem a esteira de Mondada e Dubois ao denominarem referentes e referência como objetos de discurso e referenciação, respectivamente.

O *corpus* é composto de cinco cultos extraídos do programa de televisão da Igreja Universal do Reino de Deus *O Santo Culto em seu Lar* e a mesma quantidade do programa *Show da Fé*, da Igreja Internacional da Graça de Deus. Ambos foram transcritos a partir das normas adaptadas do projeto NURC. A partir de uma análise semântico-textual, foi constatado processo de determinação referencial implícito e de enunciados metafóricos cujo objeto de discurso é somente aludido. Os objetos de discurso escolhidos para ilustrar tais situações foram *prosperidade*, situado no domínio alvo, e *fé*, situado no domínio fonte.

O Capítulo 5, *A psicanálise, a referenciação e a influência saussuriana*, objetiva mostrar a concepção lacaniana de significante baseada em Saussure, no entanto, reformulada a partir do Curso de Linguística Geral. Mariza Angélica Paiva Brito e Mônica Magalhães Cavalcante explanam, em um primeiro momento, as diferenças entre as duas concepções no que se refere à noção de signo, de significante e de valor. Em seguida, questionam a ideia de que toda a teoria psicanalítica se baseia fundamentalmente na concepção de signo da teoria saussuriana. Posteriormente, pensam a Psicanálise no seio de uma base teórica não eminentemente estrutural, além de situá-la nos processos referenciais de construção de sentido.

As pesquisadoras esclarecem que signo para Lacan tem a finalidade de provar o caráter científico de seus pressupostos; e, para Saussure, signo é utilizado para descrever a língua. Significante, na concepção saussuriana, está abaixo do significado; já na concepção lacaniana, é sempre pensado como passando acima do significado. A concepção de valor em Saussure é adotada pelos pressupostos psicanalíticos, uma vez que o signo deixa de ser apenas uma união entre o significante e o significado, e cada um dos elementos ganha valor no sistema. Assim, os signos não devem ser considerados fora da relação que estabelecem uns com os outros, ideia presente em Lacan, mas com a originalidade de fornecer a prova de que significante age à revelia do sujeito e separadamente de sua significação.

A partir de trechos de falas de pacientes diagnosticados como esquizofrênicos, as pesquisadoras demonstram um distanciamento radical dos pressupostos saussurianos. Em um dos trechos, o paciente fala “Eu tive problema de morte no nariz. Eu tenho problema na boca. [...] Eu sou fazendeiro e ainda não fui

porque tenho que resolver. Eu tive um problema.” Nesse exemplo, para as autoras, há um total descompromisso do significante com o significado a que corresponderia; o par saussuriano é desfeito e o significante deriva sem significação aparente. É este o pressuposto que orienta toda a Psicanálise freudo-lacanianiana.

As pesquisadoras admitem que diferentemente do signo em Saussure, que exclui o referente, o signo para a Psicanálise apenas terá interpretação inequívoca se considerar a relação com o referente no momento da interação. Elas ampliam a visão de que, pela análise da cadeia significante, chega-se não somente à construção de significados, mas também à elaboração de referentes. Acrescentam que, apenas no momento da pontuação do analista, os significantes se desgarram, inconscientemente, do significado e da referência que assumem no texto. Desse modo, argumentam que a articulação significante não é produzida isoladamente, mas é necessário que haja um sujeito operando na cadeia do significante.

No Capítulo 6, *Movimentação ocular no estudo do processamento da referência*, as autoras, Elisângela Nogueira Teixeira e Maria Elias Soares, ancoradas na Psicolinguística, trazem uma reflexão sobre o processamento da linguagem, fazendo um percurso histórico-teórico acerca do processamento da referência e do processamento *on-line* da linguagem, mais especificamente com a técnica do uso do rastreador ocular no âmbito da compreensão leitora.

Sobre a referência, as autoras discutem a presença do fenômeno desde a época dos estudos filosóficos e citam o quão foram debatidas por Crátilo, por Hermógenes e por Sócrates a nomeação e a certeza das palavras, originando uma dúvida no que seja a ação de nomear. A partir da máxima ‘um homem não se banha duas vezes no mesmo rio’, inicia-se o problema da referência porque a água que banha o calcanhar não é a mesma que banha a ponta dos pés e, sendo assim, como nomear as coisas porque se “nomeadas deixam de ser aquilo que foram antes da nomeação” (p. 135), ou seja, apontar, nessa perspectiva, passa por uma dinamicidade reconstruída no discurso cujo correspondente fixado no mundo jamais pode ser atribuído.

Seguindo para a discussão linguística, é ressaltado pelas pesquisadoras que as estratégias detalhistas da referenciação sob os aspectos de pluralidade, levando em conta os mecanismos linguísticos, sociais e cognitivos não são vistos com interesse pela Psicolinguística, tendo a expressão referencial como expressão substantiva no nível da frase, sintagma nominal, além de ocupar qualquer função de substantivo na

frase com a inclusão dos pronomes e dos nulos. Já as anáforas correferenciais e as introduções de referentes são sempre associadas a termos antecedentes ou posteriores, ou seja, as pesquisas experimentais não estão voltadas para a referenciação como processo sociocognitivo de objetos do discurso imaginários ou não.

As pesquisas voltadas para a compreensão leitora com o rastreamento ocular já são registradas desde o final do século XIX apesar de terem sido intensificadas recentemente, nas duas últimas décadas. As autoras citam pesquisas que obtiveram resultados relevantes na área e citam razões para se estudar experimentalmente a linguagem e a referência com a técnica do rastreamento ocular.

Leonor Werneck dos Santos e Christiana Lourenço Leal, em *Referenciação e leitura em textos escritos de alunos surdos*, analisam estratégias de referenciação utilizadas em textos narrativos de alunos do Ensino Médio do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Os alunos são usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e têm a língua portuguesa como L2.

O *corpus* é constituído de três textos produzidos pelos alunos a partir da leitura do conto *A incapacidade de ser verdadeiro*, de Carlos Drummond de Andrade. Inicialmente traduzida em Libras e posteriormente filmada, a leitura foi realizada por um aluno surdo. Os alunos do 3º ano do Ensino Médio assistiram ao vídeo e, procurando ser fiéis à narrativa lida, escreviam seus textos.

Durante a análise, as autoras encontraram alguns problemas referentes ao uso de estratégias de referenciação, com destaque para a pronominalização, a repetição e a rotulação. Tais problemas, para as autoras, podem ser provenientes de dois fatores: a influência gramatical da Língua de Sinais e o desconhecimento de estratégias de referenciação.

A transposição do texto oral para a escrita, denominada de retextualização (cf. MARCUSCHI, 2001<sup>8</sup>), é apontada pelas autoras como uma atividade que pode revelar as dificuldades de escrita dos alunos surdos. A partir dessa constatação, o professor pode selecionar conteúdos que devem ser trabalhados com suas turmas e, dessa forma, contribuir para a proficiência dos alunos no que diz respeito à organização de textos escritos em língua portuguesa.

---

<sup>8</sup> MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Por fim, merecem destaque as considerações feitas pelas autoras em relação à exclusão linguística, mais especificamente à deficiência auditiva. Santos e Leal defendem, sobretudo, que o professor precisa levar em conta as peculiaridades de como o mundo se apresenta ao sujeito surdo. Com essas ações, as autoras reforçam que o tema seja debatido nas escolas e em instituições de formação de professores. Além disso, defendem uma visão de realidade submetida aos processos de significação de cada indivíduo.

O Capítulo 8, *A construção referencial de contraventores sociais ricos e pobres em notícias*, de Francisco Alves Filho e José Nilson da Costa Filho, faz uma interface da referenciação com o gênero do discurso bakhtiniano e investiga como se dá a construção referencial em notícias de jornal dos objetos do discurso *contraventores sociais* de classe social rica e de classe social pobre.

O percurso escolhido pelos autores foi de iniciar deixando clara a concepção adotada nos estudos da referenciação que seguem a esteira de Mondada e Dubois (2003 [1995]), Cavalcante (2011) dentre outros, porém fazem uma ressalva e defendem que objetos do discurso e referentes são termos sinônimos.

Em seguida, os autores situam a notícia tanto em relação à sua estrutura composicional quanto em pesquisas desenvolvidas usando o gênero e a referenciação. Outro ponto de discussão dos autores é a perspectiva bakhtiniana de tema dos enunciados e nos enunciados para justificar a construção dos objetos de discurso de forma negativa e positiva presentes nas notícias analisadas.

O *corpus* foi constituído de notícias dos três jornais piauienses de maior circulação e analisam nas notícias os objetos do discurso para contraventores sociais de classe social rica (CSa) e de classe social pobre (CSb).

Recorrências das expressões referenciais lexicais de discurso contraventor são apresentadas tanto em relação à CSa quanto à CSb. A análise constatou que grande parte das notícias relacionadas à CSa não aparece em páginas policiais dos jornais como acontece com a CSb.

Os autores concluem ressaltando a importância da referenciação na construção de objetos de discurso em textos concretos e também na busca em tirar proveito da prática social em que está inserido o gênero notícia para o entendimento da construção referencial.

No Capítulo 9, *Informar e captar: objetos de discurso em artigos de divulgação científica para crianças*, Maria Eduarda Giering e Juliana Alles de

Camargo de Souza, a partir de noções de contrato de comunicação da Semiologia (CHARAUDEAU, 2006)<sup>9</sup>, trazem uma reflexão sobre a divulgação científica midiática (DCM) para crianças, mesclando os hemisférios da razão e da emoção, uma vez que os textos dessa natureza têm necessidade de informar e buscam, também, despertar o interesse dos jovens leitores para o assunto abordado.

As reflexões colocadas pelas autoras se embasam na convicção de que, no processo de textualização dos textos para crianças, os objetos de discurso podem ser compreendidos de diferentes maneiras, pois são construídos a partir de conhecimentos e experiências de mundo, até serem utilizados termos de natureza científica. Como exemplo, há ilustrações de Coltier (1986, p. 12)<sup>10</sup>: a forma nominal “sol” pode ser substituída por outras expressões referenciais como “bola de fogo”, “bola de gás em fusão” ou “massa de hidrogênio”.

Giering e Souza apresentam 5 textos retirados do caderno “Folhinha”, da *Folha de São Paulo on-line* e da revista *Ciência Hoje das Crianças on-line*. A análise feita vai ao encontro da necessidade de priorizar a interação como construto dinâmico e complexo, tão fundamental na vida dos seres vivos que somente a partir dela são construídas as relações que levam à aquisição e à reformulação dos conhecimentos.

Finalmente, no último capítulo, *Por uma análise argumentativa dos processos referenciais: aplicação da teoria dos blocos semânticos*, Livia de Lima Mesquita e Ricardo Lopes Leite abordam a argumentação nos processos referenciais à luz da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Esclarecem que essa perspectiva se distancia de abordagens clássicas, pois argumento e conclusão não são considerados isoladamente. O novo tratamento dado à argumentação considera a junção desses elementos interdependentes para formar um bloco semântico. Essa visão leva a analisar os segmentos do bloco em conjunto, e o sentido dos enunciados não é anterior ao encadeamento, mas existe em função do bloco semântico que os contém.

Os autores citam diversos estudos sobre referenciação que difundem o valor argumentativo das anáforas, no entanto, segundo eles, poucos trabalhos tratam das relações argumentativas que essas expressões estabelecem entre si e, sobretudo, com o restante do texto. Mesquita e Leite defendem, portanto, a noção de que a argumentação se caracteriza como estratégia linguística que permite flagrar posições

---

<sup>9</sup> CHARAUDEAU, P. *Discursos das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>10</sup> COLTIER, D. *Approches du texte explicatif. Pratiques*. Metz, v.51, p.3-22, Sept, 1986.

enunciativas de avaliação mobilizadas na construção e modificação de objetos de discurso. Desse modo, as expressões referenciais são responsáveis pela organização e pela particularização das argumentações no decorrer da progressão referencial no texto.

Em seguida, os pesquisadores explicam a análise argumentativa sob a perspectiva da TBS, a qual compreende que, quando há dois argumentos, eles se ligam argumentativamente para promover uma conclusão. A partir dessa explanação, Mesquita e Leite afirmam que a argumentação é intrínseca à relação entre as duas frases, isto é, entre os dois argumentos. Mencionam também que o sentido argumentativo só pode ser apreendido no conjunto. Explicitam, por meio de uma frase retirada de uma publicidade como “Se vinho não fosse a melhor bebida do mundo, Jesus havia transformado água em cerveja”, a instauração de um debate entre vozes que determinam os efeitos argumentativos do texto. Isso porque, na medida em que um locutor enuncia “se vinho não fosse a melhor bebida do mundo”, ele igualmente estará enunciando outros encadeamentos como “vinho é a melhor bebida do mundo”, “vinho não é a melhor bebida do mundo”, “alguém diz que vinho é a melhor “vinho é a melhor bebida do mundo” etc.

Na TBS, frase, discurso, enunciado e enunciação adquirem sentidos próprios, os quais são detalhados pelos autores, com o objetivo de se observar como se articulam argumentativamente. Tal propósito é atingido por meio da análise dos encadeamentos argumentativos presentes nas expressões referenciais, o que permite examinar a dinâmica do discurso.

Finda a leitura da obra *Referenciação: teoria e prática*, ficamos com a certeza da sua pertinência como um importante instrumento de acesso a uma proposta teórica fundamental para a reflexão e construção dos sentidos, justamente porque a obra evidencia que os processos referenciais não se limitam a depreender a pretensa objetividade de um mundo que precisa ser conhecido tal como se manifesta. O que de fato ocorre é um trabalho de constantes elaborações e reelaborações em que percepção e processamento encontram-se completamente imbricados.

Portanto, uma quantidade expressiva dos artigos apresentados chama a atenção para a referenciação como um processo de natureza essencialmente textual e sociocognitiva.

Outra contribuição de *Referenciação: teoria e prática* são as reflexões referentes ao ensino, especialmente por demonstrar que qualquer prática pedagógica

sugerida só será realmente efetiva se sustentada por uma concepção sociocognitivista da linguagem. Tal concepção é definida como uma forma de interação entre sujeitos que, uma vez envolvidos na tarefa de compreender e produzir textos, negociam intersubjetivamente referentes mentais, utilizando-se de estratégias discursivas efetivas para garantir o sucesso na construção de significados.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. (Org.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. 625 p.